

'A Cozinha', do México, debate sobre imigração

PÁGINA 5



Morre o poeta e compositor Antonio Cicero

PÁGINA 7



'O Adivinhador', uma obra voltada para a geração Z

PÁGINA 8



2º CADERNO

Mônica Ramalho/Divulgação

A força das coisas além do que elas aparentam ser

Escritor e professor, Luiz Rufino lança 'Cazuá: Onde o Encanto Faz Morada', um convite a se repensar o Brasil além dos livros de História

Filho de pai e mãe cearenses, neto de vaqueiros e lavradores, Luiz Rufino tem as ruas, as rodas, os quintais e os terreiros como lugar de formação. Professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), este carioca nascido e criado no subúrbio escreveu diversos livros, entre eles "Pedagogia das Encruzilhadas" (Mórula, 2019) e "Vence-demanda: Educação e Descolonização" (Mórula, 2021). "Cazuá: Onde o Encanto faz Morada", sua mais nova obra, marca a estreia na Editora Paz & Terra. O livro será lançado no próximo sábado (26), no Alfa Bar e Cultura (Rua do Mercado, 34), a partir das 14h, num papo solto com o historiador Luiz Antônio Simas seguido de roda de samba das 15h às 19h.

Nas crônicas de "Cazuá", Rufino apresenta ao leitor um país para muito além do que conhecemos nos livros de História. Seus textos são a um convite a se reimaginar o Brasil numa dimensão que vai além da casa e da rua: o encanto.

Este livro abriga crianças que vadeiam com santos, malandros que se misturam com trabalhadores, flores que se encruzam com facas, plantas que conversam com gente, roças que se irmanam com matas, quintais, esquinas e terreiros - porque nesses espaços de convívio e intimidade, que são também ambientes preciosos para invenção de mundos, coabitam as histórias de cada um e de nossa gente, deste e de outros planos", ensina o autor para quem a força das coisas não está só naquilo que aparenta ser e que se reduz ao que chamam de materialidade. **Continua na página seguinte**



Luiz Rufino, professor e escritor, rema contra a maré da materilidade nas crônicas de seu mais novo livro

ENTREVISTA / LUIZ RUFINO, ESCRITOR E PROFESSOR

'Fui uma criança alumbrada pelas histórias dos mais velhos e tento manter a minha escuta acesa'

Mônica Ramalho/Divulgação



Não existe atributo maior para um escritor, um contador de histórias, do que ser ele próprio um escutador de histórias. Ao escutar e recolher histórias dos mais variados cantos, Luiz Rufino busca entrar nelas para poder entendê-las em suas camadas, suas profundezas.

Na entrevista a seguir, ele discorre sobre sua história, o novo livro e provoca outras reflexões.

Fale sobre este lançamento.

LUIZ RUFINO - "Cazuá" é um livro que conversa com as ruas, esquinas, quintais, terreiros e com as coisas que por ali passam, brincam, pejam e fazem festa para adentrar os mistérios, belezas e encrencas que fazem o Brasil. Sou um daqueles que defendem que por aqui habitam muitos Brasis, entretanto para alcançá-los temos de ser leitores de seus textos profundos. O livro conta histórias cotidianas que trazem essa diversidade de saberes e modos de ser brasileiro. A chave para abrir essa porteira é a sensibilidade com as coisas miúdas, aquelas que compõem a vida como acontecimento trivial.

O que representa para um jovem autor publicar uma por um selo de uma editora grande como a Record?

Celebro com muita alegria esse momento. A Editora Record e o selo Paz & Terra têm um time de grandes nomes da literatura e do pensamento em geral, que são grande inspiração. A minha estreia não podia ser melhor porque é com o livro que mais diz sobre a intimidade da minha aldeia. Mesmo sendo meu nono livro, essa estreia na Paz & Terra me faz sentir como aquele chegou no miudinho para brincar na roda de samba.

O que mais te motiva como professor?

A aposta permanente em nutrir a indignação com a imaginação de que outros mundos são possíveis. Sou um devoto da educação, mesmo que não fosse um profissional da área. Sou neto de nordestinos, que foram lavradores, e fui criança brincando nos quintais do subúrbio carioca. Minha lida na educação encruza lavra com quintal, um permanente exercício de cultivar o sentido da comunidade.

Como você se tornou escritor?

Muito pela condição de ser professor e pela vontade de contar as coisas que se aconchegaram na experiência que vivi pelos lugares onde passei e ainda passo. Tenho uma formação muito oral, fui uma criança alumbrada pelas histórias dos mais velhos e tento manter a minha escuta acesa. Acredito que o que tenho feito é uma espécie de "oralização da escrita". Para mim, o texto tem corpo, ele ginga, brinca e desdiz o tempo todo.

Entre seus livros, está "Fogo no Mato - A Ciência Encantada das macumbas", escrito com o historiador Luiz Antonio Simas. Como foi trabalhar com ele?

O professor Simas é um parceiro de jornada, somos irmanados na fé e ele é uma das minhas referências. "Fogo no Mato" marcou o início de nossa parceria, que segue firme, já demos aulas juntos em rua, bar, terreiro de macumba, escola, museu, fizemos curadoria de exposição, tocamos tambor na universidade e, o mais importante, seguimos há alguns anos acompanhado a Alvorada de São Jorge. O nosso livro em conjunto foi elaborado na mesa do bar Bode Cheiroso (boteco na Tijuca), depois veio o "Flecha no Tempo" e o "Arruaças - Por Uma Filosofia Popular Brasileira", em parceria também com o professor Rafael Haddock-Lobo. Simas é uma pessoa muito generosa e é um dos grandes incentivadores para que eu firmasse na caneta aquilo que já vinha contando na palavra.

"Pedagogia das encruzilhadas" (Móru-la, 2019) é outro livro seu muito comentado. Como você começou a misturar educação com orixás?

"Pedagogia das Encruzilhadas" é um livro que traz uma crítica sobre o acontecimento colonial, principalmente no que diz respeito ao seu impacto naquilo que chamamos de conhecimento. O livro também tem como tese a leitura de Exu como um problema educativo, daí uma pedagogia encarnada por ele. Sou uma pessoa que tem se dedicado ao estudo da cultura e da educação, assim nada mais comum do que ressaltar os vários modos de experimentar os processos educativos nas mais diferentes formas de ser. Toda a minha reflexão está ancorada naquilo que acontece na vida comum, nos cotidianos que expressam a imensidão do mundo. Exu nos ajuda a pensar profundamente a educação, mas em uma sociedade racista isso é algo que ainda causa estranhamento e recusa.

Já faz um tempo que você vem interpretando o Brasil sob a ótica da macumba e de outros saberes populares. "Cazuá" seria a continuação de algum dos seus livros anteriores?

Ele segue uma trilha conduzida pelas coisas que me acompanham, mas não seria uma continuação. Digo que o "Cazuá" é um livro muito diferente de tudo que fiz até agora. É um livro com textos curtos, com referências às escritas feitas com corpo e ritmo na vida comum. Essas crônicas foram escritas na rítmica de uma estação de trem para outra, na pausa sagrada no botequim, na fila do mercado ou mesmo para ser carregado na bolsa como um patuá

Quais são os autores que mais inspiram a sua produção literária?

Essa é aquela pergunta difícil de responder, mas firmaria aqui quatro cantos com Beatriz do Nascimento, Lélia Gonzalez, Luiz Antonio Simas e Nei Lopes.

Existem outros temas que você ainda quer abordar nos seus livros?

Estou preparando para 2025 um livro que lê o dilema político e social brasileiro pelos caminhos das umbandas. Será uma novidade, pois contraria algumas leituras já feitas sobre a dada "religião brasileira" e aponta outros caminhos para problematizarmos essa quizumba chamada Brasil. Muito me interessa desatar alguns nós e apertar outros. Tenho também engatilhados dois livros para o público infanto-juvenil.

ENTREVISTA / FLÁVIO FREDERICO, CINEASTA

Reprodução



'Alma Negra', de Flávio Frederico, reflete a importância dos bailes black na resistência decolonial

'Eu me sinto um arqueólogo de arquivo'

Divulgação



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quando "Alma Negra, do Quilombo ao Baile" teve projeção aberta ao público no Festival do Rio, na manhã de 11 de outubro, num Odeon recheado de gente, tinha uma galera saltitando na cadeira, ensaiando passinhos mesmo sentada nas poltronas da Cinelândia, requebrando ao som que embala os planos costurados pelo cineasta Flávio Frederico. Suingue similar há de se repetir nesta quinta-feira, na projeção do .doc esta noite, na 48ª Mostra de São Paulo, às 19h, no Circuito SPCine.

Haverá uma outra projeção no dia 28, às 17h, no Espaço Augusta 2, onde reflexões de intelectuais essenciais para as lutas antirracistas (Beatriz Nascimento, Lélia González e Edneia Gonçalves) hão de contagiar a plateia tanto quanto as vozes de Tony Tornado, Cassiano e divos afins do soul.

Realizador premiado tanto no .doc (venceu o festival É Tudo Verdade 2006 com "Caparaó") quanto na ficção (Melhor Direção no CinePE 2012 por "Boca"), Frederico volta à telona num mergulho no universo afro-brasileiro por meio da música soul, retratando desde a chegada do ritmo ao país, no fim dos anos 1960, até o ápice dos bailes black no RJ e em SP.

A dimensão musical do longa – eletrizante – pavimenta uma discussão identitária decolonial, que adquire múltiplas perspectivas no roteiro escrito por Mariana Pamplona e pelo diretor, que também assina a montagem.

Seu cinema tem uma forma muito peculiar de depurar arquivos buscando verdades nas entrelinhas nos registros. No caso de "Alma Negra", o dispositivo ligado ao passado, sobretudo do movimento soul e da cultura quilombola, evoca uma luta decolonial. Como chegar àquelas imagens dos bailes e de seu entorno?

Flávio Frederico: Realmente, eu me sinto uma espécie de arqueólogo de arquivo. O chefe de pesquisa desse filme é o Remier Rocha, que é um grande pesquisador do Rio. A

imagem de arquivo, no documentário, é um dispositivo tão importante quanto o material filmado, em especial em .docs históricos. Nesse novo filme, a gente encarou um problema: no Brasil, tem poucos acervos organizados. Com isso, a gente se depara com aquelas mesmas imagens que já viu antes. Como a gente começou a fazer esse filme em 2014, deu tempo para ir aparecendo coisas novas, como o material do Tony Tornado, do Cassiano. Desde o início, estava obstinado com a ideia de usar outros filmes de ficção, documentários ou híbridos, que foram feitos ali nos anos 1970, e tivessem a ver com a temática dos bailes, seja na ótica antirracista, seja a perspectiva do quilombo. Acho que esses são os três temas principais do filme. O soul e os bailes black, o mesmo capítulo; a questão dos quilombos e da nossa herança africana; e a questão da luta antirracista no Brasil. A gente queria dar voz a expressões culturais e artísticas, fora a música, porque a música fala por si.

Assumindo seus filmes anteriores, como "Boca" (2010), como parâmetro, você parece ser guiado por uma arqueologia das cidades, das vivências metropolitanas. Que componente a música assume na operação arqueológica que você levanta

em "Alma Negra"?

Tenho um trabalho muito relacionado ao lugar e à cidade. O primeiro vestibular que prestei foi para Cinema, e não entrei. Fui fazer Arquitetura, que eu amo. Então, entrei na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), depois que transferi para Cinema, porque eu estava insatisfeito. Trabalhei como fotógrafo um pouco, antes de fazer filmes. Eu tenho essa coisa com urbanismo mesmo, com lugar, com a geografia do lugar, e isso tá muito presente na minha obra. Meu primeiro longa, "Urbânia", é um filme sobre a urbe, sobre São Paulo, e o "Boca" vem de novo com isso. Em "O Assalto na Paulista", a avenida é personagem. No caso do "Alma Negra", São Paulo e Rio eram centros dinâmicos desse movimento, com outros polos importantes, principalmente em Porto Alegre, BH e Salvador, mas não cabia tudo isso no filme. A massa mesmo estava em Rio e São Paulo. O filme tem essa peculiaridade de abordar esses dois ambientes. A gente sendo aqui de São Paulo trouxe um olhar bem profundo para a questão da cidade. A metrópole tá muito presente nele.

Qual é o reflexo dos bailes black da soul music de ontem na cultura dos Racionais e do hip-hop em geral de hoje?

Eles são a fonte. A cultura hip hop nasce disso. Se você fizer o organograma da soul music, que a gente mostra muito bem no filme, ela nasce lá com gospel, quando se junta com o rhythm & blues, numa coisa meio paralela ao rock. Depois, quando vem a disco, ali é o momento em que explode a cultura hip hop. Os Racionais vêm disso aí, o Thaíde vem disso aí, o funk carioca vem disso aí. Só que é uma outra pegada. O mundo mudou. A grande revolução foi a bateria eletrônica, a tecnologia.

Divulgação



Nem a morte pode separar o casal de 'Super Feliz Para Sempre', destaque desta quinta na Mostra de SP

Sushi da despedida

Egresso de projeções nos festivais de Veneza e San Sebastián, o longa japonês 'Super Feliz Para Sempre' discute a finitude com lirismo, resgatando a linhagem das 'love stories'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Um dos temas mais recorrentes do cinema internacional em 2024 (vide "O Quarto ao Lado", de Almodóvar), a relação com a finitude frequentou o garimpo

de todos os grandes festivais do mundo ano (Cannes, Veneza, Berlim) e bate ponto agora na Mostra de São Paulo, pelas vias de uma delicada expressão narrativa japonesa: "Super Feliz Para Sempre". Tem sessão dele no Cinesystem Frei Caneca, hoje à noite, às 20h30.

É um drama com toques líricos sobre como se faz as pazes com uma perda. A pro-

dução, chamada "Super Happy Forever" no exterior, chega a telas paulistanas vitaminada por uma aclamada recepção que teve em San Sebastián, no norte da Espanha, no mês passado. Tem mais uma projeção do longa-metragem no Brasil no próximo dia 29, às 18h30, no Cinesystem Frei Caneca 5.

Recentes investimentos autorais da dire-

tora Naomi Kawase (de "Esplendor") mantiveram o lirismo romântico bem aquecido no audiovisual nipônico, mas não ao ponto de fervura que seu conterrâneo Kohei Igarashi alcança com "Super Feliz Para Sempre", que trata do tema da melancolia sob uma mirada doce, inspirada por love stories clássicas, asiáticas e americanas.

"Apesar de o romance ser um gênero um tanto fora de moda hoje, eu tenho apreço por seus códigos e por sua forma de encarar as relações interpessoais e entender a dinâmica de perder alguém. Nem sempre uma pessoa que se vai desaparece do nosso convívio. Ela está entre nós de formas novas, diferentes do que esperamos", disse Igarashi ao Correio da Manhã no Festival de San Sebastián. "Passamos antes da Espanha por Veneza e vamos ainda a festivais na Coreia, nos EUA e no Canadá, com essa parada no Brasil. Tento levar às telas imagens de um espaço geográfico, os resorts luxuosos de outrora, que servem como registro sentimental de um Japão do pós-guerra, de uma fase de reconstrução do meu país".

Seu enredo se passa num resort onde, um dia, o jovem Sano foi muito feliz com sua finada mulher, Nagi. A nostalgia dessa época já seria motivo suficiente para ele regressar, mas há um motivo extra: sair em busca de um chapéu vermelho que sua companheira perdeu lá.

"Na sociedade japonesa, não lidamos com a perda de uma forma definitiva, pois há sempre resquícios de quem partiu a sobreviver na memória e no tempo. Eu tento partir desses vestígios para abrir uma discussão sobre o que é tristeza e sobre como a dor se acomoda. O conceito japonês de 'relato triste' é muito fluido", diz Igarashi ao Correio. "O colorido do filme lida com contraste, acentuando o azul do mar. Esse contraste é um reflexo da vida".

Divulgação

Na grades de Sidse

Um dos últimos títulos, entre os 20 concorrentes ao Urso de Ouro de 2024 a ser exibido na grade da Berlinale 2024, em fevereiro o thriller carcerário escandinavo "Sons" ("Vogter") garantiu à maratona cinéfila alemã seu melhor trabalho de interpretação, entre tudo o que se viu por lá, graças à devastadora interpretação da dinamarquesa Sidse Babet Knudsen (de "500 Miligramas").

Sidse eleva o padrão europeu de atuação – sobretudo no trato com o silêncio – a outro patamar à frente do novo filme do sueco Gustav Möller (do cultuado "A Culpa"). Tem

projeção dessa joia na Mostra nesta quinta, às 13h, no Cinesystem Frei Caneca, e no sábado, às 13h, no Reserva Cultural. O enredo fala sobre uma agente carcerária que entra num conflito existencial e profissional com a chegada de um jovem presidiário condenado pela morte de um colega de celas a facadas. A brutalidade com que ela passa a tratar o rapaz, associada a uma série de atos suspeitos, sugere uma estranha ligação dela com o preso. O clima de suspense do longa é enervante.

A Mostra de SP segue até o dia 30. (R.F.)



"Sidse Babet Knudsen tem ataques de fúria em 'Filhos'"

Divulgação



Alonso Ruizpalacios, diretor mexicano que pode ser laureado com o Urso de Ouro por seu 'A Cozinha'

Divulgação

Melhor que o sanduíche de presunto do Chaves

Egresso da pátria de Chapolin, 'La Cocina', de Alonso Ruizpalacios, chega ao Brasil depois de incendiar debates sociológicos na Berlinale, com seu olhar sobre a imigração mexicana

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Celebrado afetuosamente entre os brasileiros desde a chegada de "Chispita" (1982) ao SBT, querido por suas telenovelas e pelo seriado do Chaves, o México promete ganhar a Mostra de São Paulo pelo estômago hoje, com a entrada de "A Cozinha" ("La Cocina") em sua grade. Berlim salivou e lambeu os beijos com a exibição dessa iguaria na disputa pelo Urso de Ouro.

A direção é de Alonso Ruizpalacios. Em 2018, ele saiu premiado da Berlinale pelo roteiro de "Museu" e, em 2021, conquistou o Prêmio de Contribuição Artística, dada à montagem de seu "Um Filme de Policiais", lançado pela Netflix. Nenhum dos dois chega aos pés de seu novo e exuberante longa-metragem, que é falado parcialmente em Inglês, é ambientado em Nova York, mas se concentra na vida de migrantes hispânicos num ambiente de xenofobia. A sessão inicial dele na maratona paulistana será às 19h30 desta noite, no Reserva Cultural 2, com mais duas projeções



'A Cozinha', de Alonso Ruizpalacios, é um microcosmo de tensões sociais

no evento: amanhã (sexta), às 15h20, no Cinesystem Frei Caneca 2, e no dia 29 (terça que vem), às 21h10, no Espaço Augusta 1.

"Venho da classe média do México, filho de um médico", disse Ruizpalacios ao Correio da Manhã, quando "A Cozinha" ainda estava no papel. "Não saberia falar das favelas do meu país, de modo a abordar com verossimilhança as relações de opressão em ambientes periféricos, mas tenho interesse em falar do mundo que conheço, da realidade mexicana que me cerca. O México é uma nação muito complexa e eu quero celebrá-la".

Neste momento em que a série "O Urso" ("The Bear"), com Jeremy Allen White, faz tanto sucesso (no streaming) ao explorar as tensões de quem vive do verbo cozinhar, "La Cocina" consegue dar uma abordagem inusitada (e sociopolítica) ao tema, apoiada numa engenharia de filmagem ousada. Numa aeróbica de câmera, que lembra o "Birdman", de seu conterrâneo Alejandro González Iñárritu, o filme de Ruizpalacios aposta num preto e branco contínuo, temperado de claros e escuros pela cinematografia de Juan Pablo Ramírez, à exceção de um ou dois efeitos (azulados) que se fazem notar na tradução das graves crises mentais de um de seus personagens centrais, o cozinheiro Pedro. O papel é vivido por Raúl Briones.

Poço de carisma, Pedro é uma das estrelas dos bastidores do sempre lotado The Grill, casa onde se come o melhor Frango Marsala de NY e o "podrão" mais gourmetizado dos EUA. No fogão e na grelha, o anti-herói de Ruizpalacios (destaque de uma narrativa coral, na qual todo personagem tem seu solo) está sofrendo. Ele vive uma convulsão afetiva, ao saber que sua namorada, Julia (papel de Rooney Mara, de "Carol"), atendente desse empório gastronômico, quer fazer um aborto.

Sempre tenso, o chef vivido por Lee R. Sellars, líder e uma tropa de funcionários de diversos cantos do mundo (sobretudo de Guadalajara, Acapulco e Cidade do México) carece de empatia. Apesar de tudo, Julia se sai bem com ele e com as colegas, fazendo um truque inusitado com os cigarros que não lhe saem da boca. O problema é que a panela de pressão emocional de Pedro não dá conta das turras em que vive com ela, com o patrão e com os vetores de exclusão que o cercam. Uma acusação de roubo só piora sua vida, mas faz "La Cocina" entrar numa espiral sociológica naturalista que ferve, a temperaturas altas, todas as angústias latinas da atualidade. Teve gente que se incomodou com a cruzeza com que o filme expõe corpos e com a selvageria de sua edição, mas reside nela sua potência plástica.

Também nesta quinta, o México comparece na Mostra com "Sujo", de Astrid Rondero e Fernanda Valadez, que é o candidato oficial da pátria de Chapolin Colorado na disputa por uma vaga na corrida do Oscar. Laureado nos festivais de Sundance e de San Sebastián, este thriller social à la "Cidade de Deus" acompanha o amadurecer de um garoto cujo pai é morto pelo envolvimento com cartéis. Adolescente, ele tenta refazer a vida e estudar, com a ajuda de uma professora idealista, mas o chamado da violência parece forte demais. A exibição dele hoje vai ser às 13h30, no Espaço Augusta 2, com outra projeção no sábado, às 15h10, no Cinesystem Frei Caneca 6.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Paolla se diz perseguida pela fã há alguns anos

Vítima de assédio de fã, Paolla Oliveira presta queixa na polícia

Paolla Oliveira abriu um boletim de ocorrência contra uma fã por perseguição. O caso foi registrado na 16ª Delegacia de Polícia da Barra da Tijuca e é investigado para identificar a mulher e ouvir testemunhas.

A notícia foi divulgada inicialmente pelo portal Leo Dias. Segundo o jornalista, Paolla está sendo perseguida há

pelo menos dois anos. A mulher teria se aproximado da atriz através de um grupo de fãs e chegou a ser escalada como figurante na novela “A Dona do Pedaço” (2019).

A partir deste contato, a atriz teria começado a receber diversas mensagens, que foram ficando cada vez mais agressivas ao longo dos anos.

Doc. pra Di’Anno

Paul Di’Anno, vocalista do Iron Maiden entre 1978 e 1981 e que morreu esta semana, ganhará um documentário sobre a sua trajetória. A produção será feita pelo jornalista e cineasta Wes Orshoski, com lançamento previsto para o ano que vem.

Doc. pra Di’Anno II

“Estou muito animado para que os fãs do Iron Maiden vejam. Quando o filme for lançado, vocês verão como a vida dele foi difícil na última década e como ele lutou para mudá-la”, afirmou Orshoski em postagem nas redes sociais.

Novo layout

O site Tenho Mais Discos que Amigos! comemora 15 anos de história, com novo layout, focando na rapidez e acessibilidade em diferentes dispositivos. Com uma audiência mensal superior a 6 milhões de pessoas, o site tem um público fiel.

A bela Madeira

Em homenagem aos avós madeirenses, a escritora Ana Brites Freitas lança o livro Ilha da Madeira - A Pérola do Atlântico, que conta a história da ilha colonizada por Portugal. A obra combina fotos das belas paisagens do lugar e conteúdo interativo.

A sereia numa maré acústica



Artista em ascensão, Raquel Reis vem emplacando canções em trilhas sonoras de novelas

Baiana Raquel Reis apresenta seus sucessos em arranjos intimistas nesta quinta no Manouche

Encerrando o ciclo do seu álbum indicado ao Grammy Latino, “Meu Esquema”, Rachel Reis apresenta seu show intimista e acústico, de violão, congas e clarinete, o “Acústico Sereiona”, nesta quinta-feira (24) no Manouche.

Com sua voz potente e canetas marcantes em meio a mistura de ritmos como axé, mpb, pop e reggae, entre outros, a baiana de Feira de Santana – também chamada ‘Sereiona’ por seus fãs – apresenta seus hits e um repertório com arranjos inéditos para iniciar a despedida desse seu último projeto,

acrescentando ainda, em primeira mão, algumas das novas músicas de seu próximo álbum de estúdio.

Nascida em Feira de Santana (BA), Rachel conquistou o público já com seus primeiros singles e, logo em seguida, com o EP “Encosta” (2021), trazendo o single “Maresia”, que acumula mais de 27 milhões de plays. No ano seguinte, lançou seu primeiro álbum, o “Meu Esquema” – indicado ao Grammy Latino na categoria melhor álbum de rock ou música alternativa em língua portuguesa. E obteve mais indicações: o Prêmio Multishow e o Women Music Events (WME), na categoria artista revelação e a premiação pelo APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) em 2023. Seu clipe da faixa “Lovezinho” também ficou conhecida pelo prêmio de videoclipe do ano no MVF Awards.

A partir daí, integrou os line-ups do Coala Festival, Mita, Rock The Mountain e GRLS! e alçou voos ainda mais altos com a primeira Eurotour neste ano, passando por Portugal, Espanha, Irlanda, Alemanha e França nesta despedida do projeto “Meu Esquema”, com o qual está em turnê desde o lançamento.

Suas canções também estão em trilhas sonoras de novelas e séries. A faixa “Bateu”, com os Gilsos e Mulú, esteve como trilha de “Renascer”, trama da TV Globo; “Maresia”, por sua vez, agitou as novelas “Fuzuê” e também “Cacau” em Portugal; “Caju” está em “Cangaço Novo”, série de sucesso do Prime Vídeo, e “Pelo” na série “Amigos Sem Compromisso” da HBO Max. Outros lançamentos como “Melaço”, apresentada em janeiro, em um feat com Lucy Alves, integra a lista de destaques do ano.

SERVIÇO

RAQUEL REIS - ACÚSTICO DA SEREIONA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

24/10, às 21h

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80

(meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

Morre Antonio Cicero, aos 79

Divulgação

Poeta, letrista consagrado da MPB e membro da ABL vinha enfrentando o mal de Alzheimer e optou pela morte assistida na Suíça

Por **Walter Porto** (Folhapress)

O escritor carioca Antonio Cicero, um dos mais célebres poetas e letristas da literatura brasileira, morreu nesta quarta-feira aos 79 anos. A informação foi confirmada pela Academia Brasileira de Letras (ABL), da qual era membro desde 2017.

Nos últimos anos, ele recebeu diagnóstico de Alzheimer e passou por uma série de internações. Sua morte aconteceu na Suíça, ao lado de seu parceiro Marcelo Fies.

Após cursar filosofia dentro e fora do Brasil - sofreu com o exílio na época da ditadura militar -, Cicero se tornou um dos poetas mais renomados do Brasil e colaborou com letras de algumas das principais canções de sua irmã mais nova, Marina Lima, como "Fullgás", "Charme do Mundo" e "Pra Começar".

Entre outras colaborações famosas na música, foi responsável por "À Francesa", com Claudio Zoli, e "O Último Romântico", com Lulu Santos e Sérgio Souza, cimentando-se como uma das canetas que mais embalaram as pistas de dança nos anos 1980. Seu poema "Maresia" também estourou na boca de Adriana Calcanhotto mais tarde.

Já sua poesia ficou marcada pela mescla de influências clássicas, coletadas de seus estudos na Universidade de Georgetown, nos Estados Unidos, e parcerias com autores modernos como Waly Salomão, de quem era próximo a ponto de fazer publicações conjuntas.

Seus textos primavam por um equilíbrio entre o lírico e o filosófico - Cicero também foi professor universitário de filosofia e lógica durante boa parte da carreira.

Entre seus poemas mais conhecidos está "Guardar", de uma coletânea homônima e premiada de 1996. O texto começa: "Guardar uma coisa não é escondê-la ou



Antonio Cicero decidiu fazer um procedimento de morte assistida (eutanásia) na Suíça, onde essa prática é legalizada

Poesia e filosofia em diálogo

A obra de Antonio Cicero se caracteriza pela intersecção entre poesia e filosofia. Seus poemas, além de possuírem uma beleza estética, convidam o leitor a refletir sobre questões existenciais e sociais. A filosofia, por sua vez, serve como um instrumento para a análise crítica da realidade e a construção de um pensamento autônomo e original.

Cicero utilizava a linguagem de forma precisa e poética. Seus poemas e ensaios abordam temas como a identidade, o amor, a morte, a passagem do tempo e a relação do indivíduo com o mundo.

Artista engajado e em sintonia com seu tempo, Cicero levou à sua obra reflexões de natureza social e política.

Sua obra revela um profundo conhecimento da cultura brasileira, seja na sua produção literária como musical. Entre elas destacam-se: "Guardar" (1996), vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e que marca sua estreia na literatura; "A Cidade e os Livros" (2002); "Porventura" (2012); "O Mundo Desde o Fim" (1995); "Nova Antologia poética de Vinicius de Moraes" (2003).

trancá-la./ Em cofre não se guarda coisa alguma./ Em cofre perde-se a coisa à vista./ Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado."

Também é autor dos livros de poemas

"A Cidade e os Livros" e "Porventura" e de obras ensaísticas como "Finalidades sem Fim", que foi indicado ao Jabuti. Cicero foi colunista da Folha de 2007 a 2010.

O poeta fez um procedimento de morte assistida na Suíça, onde a prática é lega-

Carta de Antonio Cicero

"Queridos amigos, Encontro-me na Suíça, prestes a praticar eutanásia. O que ocorre é que minha vida se tornou insuportável.

Estou sofrendo de Alzheimer. Assim, não me lembro sequer de algumas coisas que ocorreram não apenas no passado remoto, mas mesmo de coisas que ocorreram ontem.

Exceto os amigos mais íntimos, como vocês, não mais reconheço muitas pessoas que encontro na rua e com as quais já convivi.

Não consigo mais escrever bons poemas nem bons ensaios de filosofia.

Não consigo me concentrar nem mesmo para ler, que era a coisa de que eu mais gostava no mundo.

Apesar de tudo isso, ainda estou lúcido bastante para reconhecer minha terrível situação.

A convivência com vocês, meus amigos, era uma das coisas – senão a coisa – mais importante da minha vida. Hoje, do jeito em que me encontro, fico até com vergonha de reencontrá-los.

Pois bem, como sou ateu desde a adolescência, tenho consciência de que quem decide se minha vida vale a pena ou não sou eu mesmo.

Espero ter vivido com dignidade e espero morrer com dignidade.

Eu os amo muito e lhes envio muitos beijos e abraços!"

lizada. "Como sou ateu desde a adolescência, tenho consciência de que quem decide se minha vida vale a pena ou não sou eu mesmo", escreveu, em carta deixada a seus amigos. "Espero ter vivido com dignidade e espero morrer com dignidade."

Lançado em três idiomas, ‘O Adivinhador’ propõe discussões sobre temas relevantes para a geração Z

Temas relevantes e contemporâneos como geração Z, terapia, diversidade, discriminação, descobertas, o poder das redes sociais, ética, amizade e outros fazem parte “O Adivinhador”, livro de autoria de Sandra Mello e Daniel Funes, ilustrações e capa de Nill Silva, que acaba de ser lançado pela SMA2 Editora e já chega ao mercado com as versões em português, espanhol e inglês.

A obra é indicada para adolescentes a partir do 5º ano. Seus autores consideram o livro um lançamento “perfeito para os alunos de todas as escolas do Brasil”, especialmente as bilíngues, para que os alunos possam treinar o segundo e até um terceiro idioma, mas tendo como base um trabalho 100% nacional.

A trama gira em torno de Bernardo, um adolescente que adquire o dom de adivinhar o pensamento das pessoas. “Na adolescência a personalidade se define, as espinhas aparecem, as dúvidas crescem, a rebeldia vira uma forma de expressão. Como se não bastassem tantas mudanças, Bernardo, passa a adivinhar o pensamento das pessoas”, destaca Sandra Mello.

A coisa vem do nada, como o próprio personagem explica. “Ler pensamentos não é o tipo de coisa que se escolhe, mas algo que escolhe a gente e Bernardo foi escolhido por esta coisa surpreendente chamada destino”,



Sandra Mello, Daniel Funes e Nill Silva, os autores de ‘O Adivinhador’

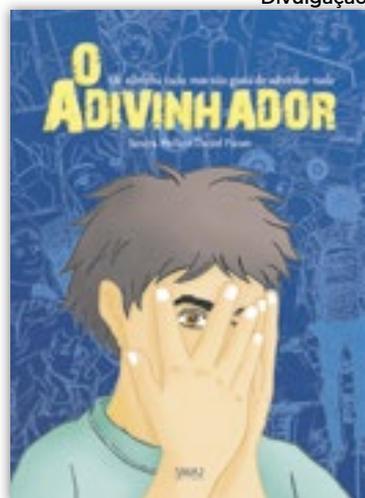
Quando o diferente pode ser genial

“Ler pensamentos não é o tipo de coisa que se escolhe, mas algo que escolhe a gente e Bernardo foi escolhido por esta coisa surpreendente chamada destino”

Sandra Mello

completa a autora.

A manifestação desta habilidade gera efeitos não apenas na vida do jovem de 14 anos, mas também na sociedade e que ele está inserido. Tentando descobrir a origem desse fenômeno, Bernardo é tido como louco, é encaminhado para a terapia e sofre até cancelamento nas redes sociais. “O que ninguém sabe, nem mesmo o próprio Bernardo, é que os diferentes também podem ser geniais”, ex-



Divulgação

plica Sandra.

A estrutura narrativa de “O Adivinhador” é repleta de pontos de virada, o que torna sua leitura atraente a seu público-alvo. “Será difícil não se apaixonar logo de início e quando termina, você não quer que acabe”, aposta Sandra.

Como a ideia da obra é fomentar debates sobre esses temas em sala de aula, Sandra revela que os autores oferecerão oficinas nas escolas que ado-

tarem o livro em suas turmas. Essas oficinas terão como ferramenta trabalhar atividades relacionadas ao conteúdo da ficha de leitura impressa do livro. Basta que a escola adquira uma determinada quantidade de exemplares da obra diretamente com a Editora, através do site do livro.

“O Adivinhador” também pode ser comprado individualmente na Amazon ou através do site www.oadivinhador.com.br.